

Sebastião de Abreu do Ó e os Retábulos Rococó no Alentejo

Ana Maria BORGES

Luís Marino UCHA

Os meados do século XVIII foram em Évora, e também um pouco por todo o Alentejo, um período de grande actividade e renovação artística, marcado pela presença de muitos artistas, quer nacionais, vindos da capital e de outros pontos do país, quer mesmo do estrangeiro.

É neste contexto que destacamos a qualidade, originalidade e o grande número de retábulos de talha, aliás já demonstrado por Robert Smith, que ao acentuar os diversos regionalismos da talha, deste período, rococó, assinala e distingue os retábulos alentejanos¹, os quais designa de *talha eborense*.

De entre os 10 entalhadores que se conhecem activos em Évora, nos meados do século XVIII², sistematicamente a historiografia, desde os finais de oitocentos, tem vindo a referir Manuel e Sebastião de Abreu do Ó, como dos mais prestigiados³. Actualmente, os contributos de diversos historiadores – Francisco Lameira, José António Falcão, e muito particularmente, Artur Goulart, que dirige a equipa de Inventário da Arquidiocese de Évora, trouxeram novos dados, quer quanto à vida, quer quanto à obra destes artistas.

Repetidamente apresentados como irmãos e a trabalhar em parceria, num espaço temporal e estético muito lato, dispomos hoje de elementos que nos permitem desfazer, pelo menos, parte das dúvidas existentes. Está, pois, documentalmente provado que são pai e filho, sendo que Manuel Abreu do Ó foi um mestre de pedraria e entalhador com actividade comprovada no Algarve e Alentejo (Évora e Beja)⁴ e seu filho Sebastião foi um dos vultos mais marcantes do rococó alentejano, com obras por toda a região, como se pode verificar no mapa anexo.

Sobre a formação artística de Sebastião de Abreu do Ó, o mais provável é que se tenha iniciado com seu pai, como aliás era frequente na época.

Dos dados que dispomos sobre estes artistas sabemos que em 1748 ambos habitavam e tinham, provavelmente, oficina na Rua de Avis, em Évora⁵; porém, as informações sobre o pai Abreu do Ó, dizem-nos, que quando da sua vinda para Évora, morou provavelmente com a sua família, às *Casas Pintadas*⁶. Em 1748, como referido, encontramos-lo na Rua de

¹ Robert SMITH, *A Talha em Portugal*, Lisboa, 1962, pp.137/139.

² Informação disponível sobre a indústria artesanal em Évora em 1764, na obra de Teresa FONSECA, *Absolutismo e Municipalismo Évora 1750-1820*, Lisboa, 2002, p. 65.

³ Referimo-nos a António Francisco Barata, Cunha Rivara, ou mesmo Túlio Espanca.

⁴ Francisco LAMEIRA, "A talha" in, *Monumentos*, n.º 10 Lisboa, 1999, pp. 27/29.

⁵ Segundo fontes citadas por Túlio ESPANCA, "Artes e Artistas em Évora no século XVIII", in *Cadernos de Arte Eborense*, Évora, 1950, p. 58.

⁶ Informação gentilmente cedida pelo Exmo. Senhor Dr. Artur Goulart de Melo Borges. A Rua das Casas Pintadas, hoje Rua de Vasco da Gama situa-se muito próximo da catedral.

Avis, desta cidade; em 1762, morava na Rua Ancha (última informação conhecida), enquanto que seu filho, em 1769, ainda habitava na Rua de Avis⁷.

Se a sua formação se iniciou com o pai, no entanto, não podemos ignorar que as obras ocorridas na Sé de Évora, nas décadas de 30 e 40, foram fundamentais para o percurso da talha eborense, e para a formação dos seus artistas, já que a remodelação da cabeceira incluiu o revestimento de talha das capelas colaterais. Em carta expedida de Lisboa para Évora lê-se que el-rei considerava quanto às "*cappellas colaterai q. bastava fosse de hua talha bem sólida e bem obrada sem folhazes de parra*"⁸. Se presumimos que o autor do risco destas capelas foi também João Frederico Ludovice, tal como da ábside, a direcção da empreitada de entalhe coube a Francisco Xavier⁹, discípulo de José de Almeida¹⁰, escultor de pedra e madeira, de formação italiana, que fez parte do núcleo de artistas enviados por Dom João V, para Roma, de onde regressa em 1728.

Nesta grande obra de entalhe colaboraram oficiais e limpadores de Lisboa, Évora, Faro e outras cidades do reino, sendo a última empreitada posterior a 1741; de entre os vários artistas que surgem nos documentos, destaque-se, Luís João Botelho, que se revelará um dos mais prestigiados entalhadores¹¹, também autor de riscos, como se verá, e Manuel de Abreu, que veio para esta cidade, por causa das obras da catedral, acompanhado de sua mulher, Maria Josefa, e dos três filhos, à data nascidos, entre os quais Sebastião.

O início da actividade de Sebastião de Abreu como entalhador, documentalmente registado, data de 1736, quando o encontramos a trabalhar nas colaterais da Sé de Évora – Santas Relíquias e Santíssimo Sacramento. A partir dessa data existem documentos que atestam o seu labor, por um período de cerca de 50 anos, a habitar sempre em Évora – inicialmente na Rua de Avis, como já dissemos, posteriormente na Rua de Alconchel, em 1775, e mais tarde, na Rua da Mangalça, em 1779¹².

Não possuímos dados definitivos sobre a totalidade da sua obra; há, aliás, um longo estudo a desenvolver neste sentido. Porém pelo que conhecemos, percebe-se a sua versatilidade, mas também a sua evolução: de empreitadas menos exigentes, de início, ao entalhamento de grandes máquinas retabulares.

Assistimos igualmente à sua evolução estética: desde as primeiras obras marcadas por uma linguagem que mantém ainda aspectos do barroco, a par de outros já rococó, até à assunção, por completo desta nova linguagem. Na sua fase final, a comprovar-se a ligação ao retábulo da Misericórdia de Arraiolos, ensaiou de uma forma algo incipiente, o neo-clássico.

A primeira referência que temos sobre este artista como mestre entalhador, depois da sua actividade na Sé de Évora, data de 7 de Agosto de 1747 e reporta-se a contrato ajustado em Elvas, no Convento de São Domingos, entre Sebastião de Abreu do Ó e o Reverendo Senhor Padre Mestre Prior Frei Francisco de Portugal, para fazer a obra seguinte "*os capi-*

⁷ Túlio ESPANCA, op.cit, p. 58.

⁸ A informação consta em carta, datada de 18 de Janeiro de 1735, enviada pelo delegado da Sé de Évora na Corte Patriarcal, para o Cabido, e faz parte de um maço de onze cartas, existente no Arquivo Capitular da Catedral e publicadas por Túlio ESPANCA, Fundação da Nova Capela-Mor da Catedral, *A Cidade de Évora*, 23-24, Évora, 1951, p. 187.

⁹ Idem, Ibidem, p. 186.

¹⁰ Cirillo Wolkmar MACHADO, *Coleção de Memórias Relativas às Vidas dos Pintores e Escultores, Architetos e Gravadores Portugueses e Estrangeiros que Estiverão em Portugal*, Lisboa, 1823, p.255.

¹¹ Túlio ESPANCA, op.cit. pp.177/186. Surgem também os nomes de Manuel e Sebastião Abreu.

¹² Idem, *Artes e Artistas em Évora...*, p.58.

teis e vazos necesarios para goarnecerem sete colunas da igreja e quatro meyas colunas a saber duas meyas de perto do pe da porta e as outras duas a par do púlpito”, sendo que toda esta obra devia irmanar com uma que já estava assentada defronte da porta que sai para o claustro, tudo por 300.000 réis¹³. A presente obra, hoje parcialmente desaparecida, e que pretendia adornar os pilares de um templo medieval, acaba por nos ser perceptível por dois tipos de fontes. No Inventário Artístico de Portalegre de 1943, Luís Keil nota que os pilares desta igreja estão cobertos de alvenaria e adicionados de bases de mármore de Estremoz (estas são posteriores) e de capitéis dourados, em manifesto desacordo de estilo¹⁴. Consultado também o Arquivo Fotográfico da DGEM¹⁵ encontrámos reproduções fotográficas onde ainda se podem observar os capitéis e as bases dos pilares esculpidas em talha, uma obra que não sendo grandiosa, reveste-se de originalidade.

Dois anos depois assina contrato com as Relligiosas de Sam Joze, aos 29 de Novembro, para lhes fazer um “retabollo sextavado para a Capella major da sua igreja com sacrário tribuna Trono, tudo isto conforme o risco de Mestre Luis Joam”¹⁶, pelo preço de oitocentos mil réis¹⁷. O Convento de São José, mais conhecido por Convento Novo, situa-se em Évora, na Rua de Avis, precisamente a rua onde habitava.

Este contrato afigura-se-nos como um documento precioso, já que faz clara identificação e distinção entre o autor do risco, Luís João Botelho, e o entalhador, Sebastião Abreu do Ó, bem como pela menção a retábulo *sextavado* – chanfrado – que vários autores, nomeadamente Robert Smith, apresentam como uma das características dos retábulos alentejanos deste período. Esta tipologia é, porém, já utilizada por Luís João Botelho no retábulo que executa para a Igreja do Carmo, em Évora.

Neste magnífico conjunto, a talha não se cinge aos altares, mas avança pelo corpo da igreja em numerosas sanefas, grades e molduras. Como elemento dominante na decoração encontramos a cartela. O retábulo, como tão frequentemente acontece, apresenta camarim ladeado por colunas, cujos fustes apresentam o terço inferior marcado e a decorá-los grinaldas de flores dispostas verticalmente, caindo a partir dos capitéis, que suportam fragmentos de frontões, ainda ao gosto joanino. As ilhargas recuadas apresentam mísulas continuadas por emolduramentos. O remate superior do conjunto não apresenta cartela como motivo central, mas sim a imagem de Nossa Senhora das Dores; tão pouco surge sanefa, mas uma cimalha recortada.

Em 6 de Fevereiro de 1753 volta a assinar contrato com as Religiosas do mesmo Convento, neste caso para lhes fazer “dois retabolos para a sua Igreja nos seus dois altares colatrais sextavado(...) conforme o Risco que se lhe deu”¹⁸. Neste caso, não existe já qualquer referência ao autor do risco.

¹³ ADP, Maço143, Livro de Notas 122, fls. 64/65. Citando a presente fonte e sobre este mesmo retábulo veja-se Miguel Angel Vallecillo TEODORO, *Retabilística Alto Alentejana (Elvas, VillaViciosa e Olivenza)*, en los siglosXVII-XVIII, Mérida, 1996, p.126.

¹⁴ Luís KEIL, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre*, Lisboa, 1943, p. 74.

¹⁵ Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos – neste caso concreto, da Direcção Regional de Évora.

¹⁶ Refere-se a Mestre Luis João Botelho, um dos mais notáveis entalhadores eborenses, contemporâneo de Sebastião Abreu do Ó.

¹⁷ ADE, Livro de Notas de Manuel da Costa Tomás, 1298, fls. 45/46 vº. Documento inédito, gentilmente cedido pelo Exmo. Senhor Dr. Artur Goulart de Melo Borges.

¹⁸ ADE. Livro de Notas de Manuel da Costa Tomás, 1302, fl. 64 vº/65 vº. Também este documento inédito nos foi gentilmente cedido pelo mesmo investigador.

Quatro anos mais tarde, em 1757, aos 13 de Julho os “deputados” da igreja do Senhor do Bonfim de Portalegre ajustam pelo preço de seiscentos e cinquenta mil réis “uma obra de madeira seca e sam feita na ultima perfeição de talha levantada aonde a planta o requer bem seguro pregando os painéis nas paredes em todos os ângulo”¹⁹. Este contrato inclui ainda a feitura dos púlpitos, tudo isto na forma “de hum risco que o sobredito apresentou”.

A versatilidade de Sebastião de Abreu do Ó está bem patente nesta encomenda que pretende responder às necessidades da Confraria e dos devotos, para os quais a decoração do templo era o seu maior empenho²⁰. Se o conceito decorativo aqui presente já vem do período anterior, igreja de ouro, se bem que adaptado à estética vigente, a exuberância, a fragilidade da decoração, a ondulação da linha, a assimetria, manifestada também nos remates sinuosos das sanefas e das plumas, a linearidade dos motivos dão ao conjunto um gosto assumidamente *rocaille*, o mesmo se passando com os púlpitos, quer na decoração das caixas, quer nos dosséis.

Também a sua mobilidade, característica comum nesta época, passa a ser evidente, ajustando obras e executando empreitadas fora da sua área de residência, apesar de a mesma se manter sempre em Évora²¹.

O ano de 1764 liga-o às empreitadas de mais dois retábulos, respectivamente ajustadas a 25 de Janeiro e 13 de Março. O primeiro é de novo na cidade de Portalegre, onde devia ter já créditos firmados e diz respeito a retábulo para a capela-mor da igreja de São Martinho²², uma das cinco igrejas paroquiais então existentes nesta cidade. Infelizmente, devido à diminuição da população, em 1834 foram extintas três paróquias, entre as quais a de São Martinho, donde resultou a passagem dos templos para a posse da Câmara. As remodelações urbanísticas da segunda metade do século XIX levaram à sua demolição, para no seu lugar ser construída uma praça de hortaliças²³.

Se o retábulo se perdeu, através do contrato retiramos várias informações, nomeadamente que a máquina retabular era composta por “obra de retábulo, com sacrário e throno, e portas nos lados do Altar”, sendo que o dito retábulo “não terá escultura alguma, nem quartelas nos lados do Altar; mas sim Portas correspondentes”. No contrato consta ainda que a porta “do sacrário terá a figura de hu cordeiro e os mais lugares delle vestidos de talha moderna”²⁴. Em síntese, mantém-se a tipologia de retábulo com camarim aberto e trono com uma clara referência à talha moderna, ou seja rococó, que curiosamente nos aparece também noutros documentos.

Neste mesmo ano, a Confraria de Nossa Senhora do Carmo, sedeadada na igreja do Convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo, através do seu procurador, ajusta a execução do retábulo para o altar-mor, de invocação à Virgem, e o revestimento de talha do arco triunfal desta igreja²⁵. Neste conjunto voltamos a encontrar camarim, trono e

¹⁹ ADE, Livro de Notas de Manuel da Costa Tomás, 1307, fls. 200/202 vº.

²⁰ Padre José Dias Heitor PATRÃO, Igreja do Senhor do Bonfim de Portalegre (Século XVIII), *A Cidade Revista Cultural de Portalegre*, nº7, 1992, p. 193

²¹ Sobre este assunto, veja-se Natália Marinho FERREIRA-ALVES, *A Arte da Talha No Porto Na Época Barroca (Artistas E Clientela, Materiais e Técnicas)*; 1 Volume, Porto, 1989, pp. 105/118.

²² ADE, Livro de Notas de Manuel Abreu do Ó, 1121, fls. 61/62. Também existe uma nota, sobre este retábulo em Francisco LAMEIRA, op.cit., p. 29.

²³ Informações gentilmente dadas pelo Exmo. Senhor Padre José Dias Patrão.

²⁴ Refere-se ao documento contratual referido na nota 22.

²⁵ José António FALCÃO, “O Mestre Entalhador Eborense Sebastião Abreu do Ó e a Feitura do Retábulo-Mor da Igreja do Convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo em 1764-1765” in *Jornal Montemorense*, 20

decoração dos fustes das colunas, sendo que, a ladear o corpo central, surgem consolas continuadas por emolduramentos com motivos vegetalistas e concheados. O coroamento superior é feito por grande sanefa com as tradicionais borlas, dominando em todo o conjunto um vocabulário artístico rocaillé, claramente decorativo.

Tal como na talha da Igreja do Senhor do Bonfim, utilizou-se não só o ouro, como a policromia. Constatamos que, ao contrário do que afirma Robert Smith, para a talha alentejana deste período²⁶, se pintam abundantemente fingidos, por razões de natureza estética ou financeira.

No ano seguinte, encontramos-lo em Serpa, tendo sido ajustada, em 30 de Maio, com o Reverendo Padre Frei Jerónimo de São José Religioso da Ordem de São Paulo, a empreitada de um “retabulo para a Imagem de N. Sra das Sete Dores, na sua Capela ou Altar no Cruzeiro da Igreja do seu Convento de São Paulo, da dita vila de Serpa, entalhada e feita em madeira de Pinho da flandes ... pello preço equantia de trezentos e sincoenta mil reis”.²⁷

Nesta obra o rococó é plenamente assumido. Toda a decoração é de uma enorme fragilidade, irregularidade e assimetria; quanto à estrutura, é retomado o modelo de grande camarim central, destinado à imagem de Nossa Senhora, que se articula com as ilhargas laterais côncavas, onde surgem mísulas. O coroamento superior não apresenta nem cartela, nem sanefa, mas sim grande resplendor e conjuntos de grinaldas que coroam individualmente o corpo central e os laterais desta máquina retabular (o coroamento do lado esquerdo já não existe). Mais uma vez utiliza, não apenas o ouro, mas também a policromia.

No actual estado de conhecimentos, só voltamos a ter informações sobre obras deste mestre passados dez anos, pois conforme consta no Inventário Artístico de Beja é ajustado contrato, em Abril de 1775, com a Santa Casa da Misericórdia daquela cidade para a realização de arco mestre de sanefas envolventes, decoradas por figuras – anjos tenentes – sustentando as armas reais, pela verba de 100.000 reis²⁸. Sobre esta obra, inexistente, obtivemos algumas informações através de consulta nos arquivos da DGEM, nomeadamente que os altares foram apeados na fase anterior às obras realizadas por aquela instituição, nos anos quarenta. Também as imagens de arquivo mostram o arranque do arco assente em pilastras, já em adiantado estado de degradação²⁹.

No último quartel deste século, segundo Cunha Rivara, assume a sua última obra, que já não conclui por doença – o retábulo do altar-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos, “que levou até à cimalha real”, e foi concluído por José Rosado³⁰, que realizou a empena, sanefas, dossel e o trono, bem como o douramento integral.

Quanto a José Rosado, apenas sabemos que morou em Évora, entre 1762 e 1773, na Rua do Capado e em 1787 morava na Rua de Avis, onde também havia morado Sebastião

de Novembro de 1990, p.3; Ana Maria BORGES, “O Retábulo do Altar-Mor da Igreja do Convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo, *Actas del simpósio Hispano-Português del Arte, El Retablo; Tipologia, Iconografía Y Restauración 2002*, pp.177/182.,

²⁶ Robert SMITH, op. cit, p 223

²⁷ ADE. Livro de Notas de Manuel Abreu do Ó, 1474, fl. 22 e 22 Vº.

²⁸ A presente informação consta na obra de Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Beja*, Lisboa, 1992, p. 105.

²⁹ *Igreja da Misericórdia de Beja*, LXXXIII, Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Porto, 1956, p.30. Foi também consultado o arquivo fotográfico.

³⁰ Joaquim Heliodoro da CUNHA RIVARA, *Memórias da Villa de Arrayollos*, parte I, Arrayollos, ed.1979, pp. 134/135.

do Ó e pagava décima municipal³¹. A confirmarem-se estes dados, dois aspectos julgamos de particular interesse no que toca a este retábulo: por um lado a relação entre estes dois artistas, pondo-se a hipótese de José Rosado ter sido seu discípulo ou colaborador, ou, então, apenas o artista que o concluiu. Por outro lado, em termos artísticos, assistimos à manifestação de elementos neoclássicos, se bem que a par de outros ainda rocailles, e à utilização de uma tipologia com algumas semelhanças ao retábulo de Montemor, como é o caso do camarim e dos elementos decorativos da talha que reveste o arco de triunfo.

É-lhe ainda atribuído, se bem que em parceria com seu pai, o que à luz dos conhecimentos actuais é pouco provável, o conjunto retabular da igreja do Convento dos Remédios de Évora, uma das mais primorosas obras de talha do século XVIII, em Portugal³². Não dispondo do contrato notarial, ou outro tipo de fonte, sobre este magnífico conjunto, apenas registamos a existência de diferenças muito significativas do ponto de vista formal entre os retábulos realizados por este artista e o presente; mais plausível, poderá ser uma parceria entre Abreu do Ó e Luís João Botelho.

O tema que nos propusemos apresentar nesta comunicação não se encontra, de forma alguma, esgotado, pelo que a presente síntese, mais não é do que um pequeno contributo para o estudo da obra de Sebastião de Abreu do Ó³³. Apercebemo-nos, desde logo, pelos enormes hiatos temporais existentes, que um longo caminho há ainda a percorrer. Demonstrada está também a necessidade de um estudo aprofundado sobre a sua obra, ligação com outros artistas e também uma visão territorial mais abrangente. Porém, podemos afirmar, que estamos perante um grande artista que, com certeza, contribuiu para a especificidade da talha alentejana do período rococó, que designaremos como a *talha da Escola de Évora*, visto ser esta cidade o foco de irradiação para toda a região.

DATA	LOCALIDADE	OBRA	FONTES/BIBLIOGRAFIA
1747- 7 de Agosto	Elvas	Revestimento das bases e capitéis dos pilares do Convento de São Domingos	ADP, Maço143, Livro de Notas122, fls.64/65. Miguel Angel Vallecillo TEO-DORO, <i>Retabilística Alto Alentejana</i> , Mérida, 1996. Luís Keil, <i>Inventário Artístico do Distrito de Portalegre</i> , Lisboa, 1943. Arquivo Fotográfico da DGEM.
1749- 29 de Novembro	Évora	Retábulo-mor da igreja do Convento de São José (Convento Novo)	ADE, Livro de Notas de Manuel da Costa, 1298, fls.45/46 vº.
1753- 6 de Fevereiro	Évora	Retábulos para altares colaterais da igreja do Convento de São José	ADE, Livro de Notas de Manuel da Costa Tomás, 1302, fls. 64 vº./65 vº.
1757- 13 de Julho	Portalegre	Revestimento em talha para as naves e púlpitos da igreja do Senhor do Bonfim	ADE, Livro de Notas de Manuel da Costa Tomás, 1307, fls.200/202 vº.

³¹ Túlio ESPANCA, "Artes e Artistas em Évora...", p. 61.

³² Robert SMITH, op.cit.138.

³³Para além do referido tivemos oportunidade de nos ser dado conhecimento, pelo Senhor Dr. Artur Goulart que este mestre trabalhou também para o Convento do Espinheiro de Évora.

DATA	LOCALIDADE	OBRA	FONTES/BIBLIOGRAFIA
1764- 25 de Janeiro	Portalegre	Retábulo –mor da igreja paroquial de São Martinho. (inexistente)	ADE, Livro de Notas de Manuel Abreu do Ó, 1121, fls. 61/62. Francisco Lameira, "A Talha", in <i>Monumentos</i> , n.º.10, Lisboa, 1999.
1764- 13 de Março	Montemor-o-Novo	Retábulo-mor e arco triunfal da igreja do Convento de São João de Deus	José António Falcão, "O Mestre Entalhador Sebastião Abreu do Ó e a Feitura do Retábulo-mor
do Convento de São João de Deus de Montemor-o-	Novo" in <i>Jornal Montemorense</i> , 20 de Novembro de	1990.	1765- 30 de Maio
Serpa	Retábulo para altar do cruzeiro para a imagem de	Nossa Senhora das Sete Dores	ADE, Livro de Notas de Manuel Abreu do Ó, 1474, fls.22/22vº.
1775- Abril	Beja	Arco mestre para o altar-mor da Igreja da Misericórdia	Túlio Espanca, <i>Inventário Artístico de Beja</i> , Lisboa, 1992, p.105.
1780 ?	Arraiolos	Retábulo-mor e arco de triunfo para a igreja da Misericórdia	Joaquim H. da Cunha Rivara, <i>Memórias da Villa de Arrayollos</i> , parte I, Arrayollos, ed. 1979, pp134/135.



Obras identificadas de Sebastião Abreu do Ó no Alentejo



Serpa
Retábulo de N.ª Sr.ª das Sete Dores
Convento de S. Paulo



Évora
Retábulo-mor da Igreja do
Convento de S. José



Portalegre
Púlpito e molduras
da Igreja do Senhor do Bonfim



Serpa
Retábulo de N.ª Sr.ª
das Sete Dores
Convento de S. Paulo